

Tancredo em Charges:

A representação do humor gráfico na redemocratização (1985)

*Fábio Donato Ferreira*¹

Resumo: O presente artigo visa analisar charges publicadas de um conjunto de periódicos durante o período de transição da ditadura civil-militar no Brasil, selecionando periódicos da chamada grande imprensa. Os periódicos escolhidos foram os jornais *Folha de S.Paulo* e o *Jornal do Brasil*, já a *Revista Veja*, foi escolhida por abranger mais o território nacional, saindo do eixo Rio-São Paulo. Foram selecionadas charges que representam o presidente escolhido pelo Colégio Eleitoral no ano de sua posse até o seu falecimento no mesmo ano.

Palavras-chave: Charge, Imprensa, Ditadura

Tancredo in Charges:

The representation of graphic humor in redemocratization (1985).

Abstract: This article analyzes the rates published by a set of periodicals during the transition period of the civil-military dictatorship in Brazil, period of the so-called "grande imprensa". The chosen journals were the newspapers *Folha de S.Paulo* and *Jornal do Brasil*, while *Revista Veja* was chosen to cover the national territory, leaving the Rio-São Paulo axis. Charges representing the president chosen by the Electoral College in the year of his pose until his death in the same year were selected.

Keywords: Charge, Press, Dictatorship

¹ Licenciado em História e mestrado em História pela UFPel, doutorando em História, com bolsa da CAPES, pelo PPGH/PUCRS. E-mail: fdonatoferreira@gmail.com.

Introdução

Durante os 21 anos da ditadura civil-militar brasileira os periódicos da grande imprensa tiveram uma postura linear em relação aos primeiros anos do governo. Muitos desses periódicos apoiaram o golpe de estado, descontentes com o governo de João Goulart; em seguida discordando de alguns pontos do governo para posteriormente ser contra o regime. Os periódicos escolhidos para o presente artigo, *Jornal do Brasil*² e *Folha de S.Paulo*³, apoiaram o golpe militar ocorrido em 1964, a *Revista Veja*⁴ surge em 1968, mas também era favorável ao governo militar em diversos momentos. Como a censura era instaurada também nos periódicos que apoiaram a ditadura, após a implementação do AI-2⁵, diversos setores do mesmo núcleo editorial começaram a ter discordâncias sobre os rumos que o país tomava. Após uma reabertura conturbada e uma eleição vetada a população. Foi escolhido um presidente civil, e o fim dos militares no poder.

Embora eu tenha lido muitos métodos para analisar charges e ilustrações, optei por utilizar um destinado mais à literatura, pois sua divisão se assemelha muito ao que fiz no momento de escolher a fonte de pesquisa. Situando que três elementos são mais centrais para esta análise, mostrando não só o contexto histórico no qual os periódicos estavam, mas também o papel do artista e sua visão de mundo e, por fim, o próprio alvo dessa charge, sendo ele políticos conhecidos ou estereótipos de figuras vistas na sociedade brasileira.

A primeira instância é chamada pelo autor de *Plano de Expressão*, que acaba sendo a linguagem ou discurso. O discurso é como o narrador, no caso, o editorial do jornal, influencia o leitor; podemos ter aí os periódicos que apoiavam o regime, usando e sendo usado pela censura para manter uma imagem boa da ditadura que já assolava o país por quase duas décadas. Segundo Motta: “[...] o jornalismo utiliza certas expressões para produzir efeito de ironia. Pistas de ironia são constantemente encontradas no discurso das notícias e imprimem à narrativa jornalística.”⁶ Temos neste momento uma forma para os roteiristas, sejam eles colunistas sejam chargistas, usarem dos recursos da linguagem a fim de produzirem uma mudança no leitor.

² Periódico editado na cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1891.

³ Também conhecido como simplesmente *Folha*, é um jornal editado na cidade de São Paulo, fundado em 1921.

⁴ De distribuição semanal, a revista *Veja* possui sede em São Paulo e tem distribuição por todo território nacional.

⁵ O Ato Institucional Número 2 foi baixado em 1965.

⁶ MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.p. 136.

O passo seguinte será denominado de *Plano de Estória*, tão importante quanto o anterior, nele é onde finalmente o narrador utiliza todo seu recurso de linguagem, é aqui que não só as referências de mundo do artista vão para a charge, mas também sua visão política e de vida. Ique, Millor, Veríssimo, Paulo Caruso, Michel, Lan e Claudius que passaram pelos jornais analisados, vieram de uma escola mais livre e questionadora. Praticamente todos eles fizeram parte do *Pasquim*⁷ e de outros jornais de cunho mais marginal quando vistos pela grande imprensa, e neles criticavam o governo militar de forma mais debochada em determinados veículos, em outros de maneira mais discreta. O segundo plano da análise vem desta visão de mundo do autor, que embora não possa existir sem o primeiro plano do discurso, ele tem sua própria autonomia.

É neste nível que a análise da narrativa se concentra, sem prescindir em nenhum momento dos outros planos, como já disse antes. É neste plano que Ricoeur com seu paradigma da ordem, característico da tragédia e da obra de ficção privilegia sua reflexão sobre o mito aristotélico [...] a disposição dos fatos em síntese para representar a vida e as ações humanas.⁸

Ainda no segundo plano, o autor vai colocar todo o *background* que dentro da charge política já é conhecido do público; é o próprio país em que vivemos; as eleições para presidente civil ou acontecimento que faça alusão ao que está acontecendo no país e na vida do leitor do periódico.

O terceiro e último passo fica para o *Plano de metanarrativa*, é o plano que vai mais afundo no imaginário cultural. É nesse momento que os personagens da trama são apresentados, no caso da charge, é o alvo da piada e, se a caricatura não remete diretamente à pessoa, faz alguma alusão ao que já está presente no imaginário coletivo que identifique a *persona* para que a piada seja feita, no caso, o presidente eleito Tancredo de Almeida Neves. Os analistas da narrativa sempre estão ligados aos estudos do campo da política e dos estudos de ideologia, assim esse último plano pode servir também para derrubar conceitos pré-estabelecidos pelo público ou criticar a ideia já presente e em uso pelo coletivo.

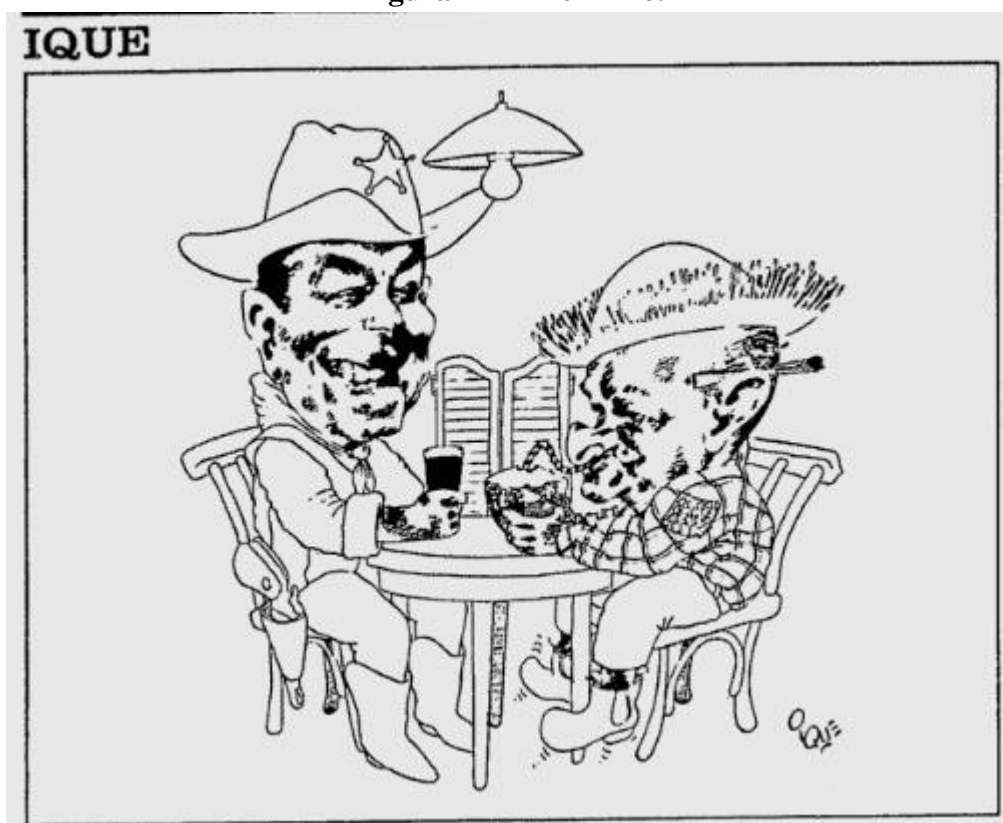
⁷ Foi um semanário alternativo brasileiro que foi publicado de 1969 até 1991, foi importante no cenário de contracultura e um opositor ferrenho da ditadura civil-militar.

⁸ MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.p. 137.

As Charges de Tancredo Neves

A figura de Tancredo Neves ainda perpetua como de um político importante, pois acabou falecendo antes de sua posse. Podemos apenas lembrar que para sua candidatura e eleição, precisaríamos que o movimento *Diretas Já!* não tivesse seu fim com a emenda Dante de Oliveira, e Maluf continuasse impopular dentro de seu partido, o PDS. Tudo ocorreu para que o novo presidente moderado e que agradava a quase todos os lados políticos fosse eleito. A figura de um candidato não radical não agradava apenas setores mais conservadores militares e o próprio Partido dos Trabalhadores, tendo o próprio Lula atacando o novo governante: “A proposta de Tancredo não é de um governo de transição coisa nenhuma. É uma proposta de transação”⁹.

Figura 1 - Mineirinho.



Fonte: Jornal do Brasil, São Paulo, n. 297, p.10, 01 de Fev. 1985. Acervo: Jornal do Brasil.

A figura do cavaleiro que João Figueiredo incorporava nas charges foi embora; a nova figura era a do mineiro que Tancredo sempre vinculou a ele, incluindo também ao mostrar-se como um candidato não radical na época de eleição com a frase “Se é mineiro não é radical,

⁹ Folha de S. Paulo, 25 de abril de 1984. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8753&anchor=4182756>> Acesso em: 17 jan 20.

se é radical não é mineiro!”. A ideia de mineiridade vem da de conciliação, a construção do mineiro como algum ideal procurado desde a Inconfidência Mineira: a liberdade.¹⁰ A charge de Ique¹¹ mostra esse estereótipo do mineiro com chapéu de palha, camisa xadrez com remendo e cigarro de palha atrás da orelha. A representação de um personagem do interior, inocente e ingênuo corroborava com a popularidade de Tancredo. Ique o representa então junto ao presidente norte americano Ronald Reagan que, por sua vez, está vestido de xerife digno de filmes de Faroeste no qual atuou bem antes de sua carreira política.

Figura 2 - Plim Plim.



Fonte: Jornal do Brasil, São Paulo, n. 311, p.11, 01 de Mar. 1985. Acervo: Jornal do Brasil.

Millôr¹² que sai da Veja e vai para o Jornal do Brasil, utiliza de sua criatividade para o espaço destinado à sua charge. O artista não apenas faz a charge, mas também escreve

¹⁰ ARRUDA, Maria A do Nascimento. Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultura do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1999. Introdução.

¹¹ WOITSCHACH, Henrique Victor, conhecido também como Ique Woitschach, é um cartunista, escultor e ilustrador brasileiro, conhecido por seus trabalhos como chargista do *Jornal do Brasil*.

¹² FERNANDES, Milton Viola, ou Millôr, jornalista e ilustrador, conhecido pelo seu humor ácido, motivo pelo qual, em 1974, foi instalada a censura prévia na revista *Veja*.

pequenos textos cômicos em sua borda que seriam referentes ao tema. A charge que foi selecionada mostra Tancredo Neves dentro de uma televisão, e a rede em que o equipamento está sintonizado é a Rede Globo, o leitor capta a mensagem mais pela onomatopeia “Plim, plim”, sinônimo da vinheta da emissora, do que pelo botão do paletó que traz a logomarca do canal.

A expressão “até aí morreu Neves!”¹³, também passaria a ser proibida em todo território nacional assim que o novo presidente assumir o cargo. A piada com o nome “TanCREDO”, vem de outras charges do autor, onde satiriza uma verdadeira devoção a figura do novo presidente por meio da população, e o quão considera isso assustador vindo de um povo que está passando por uma reabertura política.

Figura 3 - Fila.



Fonte: Jornal do Brasil, São Paulo, n. 324, p.10, 02 de Mar. 1985. Acervo: Jornal do Brasil.

¹³ Usa-se esta expressão para quando se quer dizer algo como "o que você diz não é nenhuma novidade", "o que você diz já é sabido". É considerada uma frase feita. (Dicionário Informal Online).

Luís Fernando Verissimo¹⁴ retrata o momento que não ocorreu. A faixa de João Figueiredo sendo passada para Tancredo na possível cerimônia da posse que ocorreria em alguns dias. Atrás da figura do novo presidente, temos Leonel Brizola reclamando que a “fila não anda” mostrando sua pressa e vontade de ser presidente da república.

Figura 4 - Sol.



Fonte: Revista Veja, n. 852, p.13, 02 de Jan. 1985. Acervo: Revista Veja.

¹⁴ VERISSIMO, Luís Fernando, é escritor, humorista e cartunista, fez charges para a Veja e para o periódico Jornal do Brasil. Filho do também escritor Érico Verissimo.

No início do ano de 1985, Luís Fenando Veríssimo publica em sua página na qual escreve colunas, apenas com um desenho, sem diálogos. O alvorecer de um novo dia, o sol que nasce é aguardado por vários personagens pequenos, que de braços erguidos comemoram o nascimento de mais um dia. O sol agora é o rosto de Tancredo Neves, a careca, os olhos pequenos e o nariz denunciam que o novo presidente também trará uma nova era, o pensamento de que um futuro melhor surge junto com o ano novo, a ditadura civil-militar finalmente acabava.

Figura 5 - Ano Neves.



Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 20.362, p.2, 01 de Jan. 1985. Acervo: *Folha de S. Paulo*.

O feliz ano novo de Paulo Caruso¹⁵ vira um “feliz ano Neves”, o trocadilho com a semelhança do sobrenome do político eleito com a palavra novo não é apenas na escrita, mas na ideia que traz consigo de uma nova era para o país. Na charge, é o próprio Tancredo quem escreve os desejos de um novo ano para o leitor, a estatura do presidente também é motivo de

¹⁵ CARUSO, José Hespânia Caruso, cartunista e chargista, irmão gêmeo do também chargista, Chico Caruso. Trabalhou na *Folha de S. Paulo*, *Revista Veja* e *ÉPOCA*.

piada, já que ele está no canto inferior do espaço destinado a charge. A Figura 6, abaixo, de Michel, mostra-nos um Tancredo muito diferente.

Michel em seu desenho publicado três dias após o anúncio dos resultados da eleição do colégio eleitoral, mostra a comemoração de jornalistas e repórteres, que em frente a figura do novo líder político jogam microfones, gravadores e blocos de notas para cima para celebrar. O novo presidente traz um semblante alegre e é representado como um personagem muito maior do que os outros nessa charge. Sua importância é mostrada no tamanho, antes caricaturado por sua baixa estatura, nesta charge se destaca por sua grandeza.

Figura 6 - Saudações.



Fonte: Jornal do Brasil, São Paulo, n. 283, p.10, 18 de Jan. 1985. Acervo: Jornal do Brasil.

Veríssimo utiliza seu espaço na revista *Veja* para fazer suas charges com diversas interpretações. Na Figura 7 não encontramos nenhum personagem político representado, se não o próprio presidente da república em um quadro. Os personagens que conversam sobre a

empolgação do personagem que está à frente do quadro, que levanta os braços de emoção, perguntam o motivo de tanta euforia, o segundo responde que é um chargista. A mensagem se passa de duas formas: a primeira, e mais clara, é sobre a liberdade que a população terá agora; a segunda, mais cômica, vem da possibilidade de se fazer charges de políticos sem censura e da figura do próprio Tancredo, que com alguns traços já se remetia a figura do político futuro presidente da nova república.

Figura 7 - Chargista.



Fonte: Revista Veja, n. 854, p.15, 09 de Jan. 1985. Acervo: Revista Veja.

A ilustração, além de brincar com a figura do novo presidente, mostrando que é uma pessoa fácil de ser caricaturada por sua estatura e traços marcantes, também dá um ar de sensibilidade ao demonstrar que os chargistas agora estão livres da censura militar, e que apenas isso já seria motivo suficiente para comemorar a vitória de Tancredo.

No início dos anos 80, com o país transitando para a democracia, com relações internacionais abaladas devido aos empréstimos, o Brasil ainda veria o evento Rock in Rio fechar as portas da ditadura civil-militar, movimentando muitos jovens tanto quanto o

movimento *Diretas Já!*. O empresário Roberto Medina, elabora o projeto no início da década para só após 5 anos, e muitos contratos com artistas internacionais, o festival finalmente acontecer nos dias 11 a 20 de janeiro de 1985.¹⁶

Figura 8 - RockInRio.



Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 20.371, p.2, 10 de Jan. 1985. Acervo: *Folha de S. Paulo*.

A charge de Paulo Caruso, que foi publicada na véspera do evento, apresenta alguns artistas que chocaram o público¹⁷, não apenas por seu visual, mas também por sua música e atitude performática. Nela vemos caricaturas de Nina Hagen, Ozzy Osbourne e da banda Queen, grandes nomes prometidos e esperados para os shows. Juntando-se a eles, a figura de baixa estatura e já tanto difundida pelos periódicos do presidente que tomaria posse em alguns meses, o cômico vem da frase logo abaixo “*Isso não é nada... esperem só pra ver meu Ministério...!*”, sugerindo que a atitude que chocaria o público brasileiro não seria

¹⁶ Disponível em: <<http://rockinrio.com/rio/pt-PT/historia>> Acesso em: 17 jan 2020.

¹⁷ O visual performático junto ao som pesado era bem diferente do que a população brasileira estava acostumada, além das polêmicas que diversos artistas já traziam consigo durante os anos de carreira.

exclusividade dos artistas e suas performances, mas também o governo da nova república seria também algo inusitado. A charge acompanha a coluna de Osvaldo Peralva que diz que Tancredo precisa decidir se sua política será conservadora ou progressista, mas que essa é a vantagem de um regime democrático.

O festival já havia iniciado quando em 19 de janeiro de 1985, a Rede Globo com sua cobertura do evento, populariza o termo “metaleiro”, designando os jovens que curtiavam o gênero heavy metal ou hard rock, e se vestiam a caráter para apreciar suas bandas que tocavam no dia, como AC/DC, Scorpions, Whitesnake e o polêmico Ozzy Osbourne.

A reportagem que cobria a noite em que essa tribo urbana frequentava os shows, mostrava que além do visual, sua atitude era uma forma de protesto contra a repressão, mas que estão otimistas em um futuro com mais liberdade, e acreditam no novo presidente. A reportagem do dominical Fantástico, apresenta um perfil do público que frequenta o show e pergunta “Você acha que Tancredo Neves vai melhorar a vida dos metaleiros?”, o jovem responde sem demora “Democratizamos as nossas instituições então vamos ter liberdade para se expressar.”¹⁸

O chargista Lan¹⁹ publica, após o fim do festival *Rock In Rio*, uma charge onde Luís Inácio Lula da Silva aparece com o visual tão visto nos shows e divulgado em diversas mídias. O “metaleiro” confronta o novo presidente, que faz uma alusão de metaleiro com metalúrgico, classe à qual Lula pertence, tendo, também, sua imagem ainda ligada aos movimentos do ABC paulista de 78. Tancredo é apresentado como um exorcista, em sua maleta consta suas iniciais e sua função para o cômico, ligada a frase “...é comigo mesmo!”, mostra não só a piada do metalúrgico com sua pose agressiva semelhante a da tribo urbana e estereotipa, mas que ele consegue exorcizar tanto figuras demoníacas quanto radicais políticos que não teriam chance contra ele na política brasileira. Tancredo carregava consigo acusações de defender a transição democrática pactuada com os militares, o que motivou o Partido dos Trabalhadores a votarem não em Tancredo no Colégio Eleitoral. Devido a sua proximidade com o regime que terminava, sempre foi visto com desconfiança aos críticos mais ferrenhos da ditadura civil-militar brasileira.

¹⁸ Reportagem na íntegra no Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=m6JKiHvGzwg>>. Acesso em: 12 jan 2020.

¹⁹ ROSSINI, Lanfranco Aldo Ricardo Vaselli Cortellini Rossi, foi um pintor e ilustrador ítalo-brasileiro, que trabalhou como chargista no *Jornal do Brasil*, também conhecido por suas obras da coleção “As Mulatas”.

Figura 9 - Metaleiro.



Fonte: Jornal do Brasil, São Paulo, n. 287, p.10, 22 de Jan. 1985. Acervo: Jornal do Brasil.

Ique (Figura 10) nos mostra a dupla de civis que está chegando ao poder; o presidente e seu vice são retratados como os famosos heróis de quadrinhos Mandrake e Lothar²⁰, personagem que utilizava de truques como hipnose em seus inimigos; já seu fiel escudeiro era um príncipe africano que trocou sua terra para combater o crime ao lado do mágico. Ao retratar Tancredo e Sarney fantasiados, a charge apresenta a frase “E agora, Lotar, que mágicas faremos primeiro?”, que dá o tom humorístico, além do visual. Seria necessária uma mágica para conseguir solucionar os diversos problemas pelo qual o país passava, e como eram muitos, o presidente pergunta ao seu vice qual fariam primeiro.

²⁰ Personagens criados por Lee Falk em 1934. O chargista Ique usa a grafia “Lotar” que nunca chegou a ser utilizada no Brasil nos quadrinhos do personagem.

Figura 10 - Mandrake.



Fonte: Jornal do Brasil, São Paulo, n. 311, p.10, 15 de Fev. 1985. Acervo: Jornal do Brasil.

Figura 11 - Doente.



Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 20.429 p.2, 9 de Mar. 1985. Acervo: Folha de S. Paulo.

A Figura 11, charge de Paulo Caruso, é a única dentro do recorte apresentado neste artigo que apresenta os problemas de saúde de Tancredo Neves, que o levariam a não assumir a presidência do Brasil, como era o esperado. O presidente civil eleito pelo colégio eleitoral é representado usando uma camisola hospitalar, os traços que saem de seu abdômen apontam ao leitor que há algo de errado na região, a mão e a vestimenta sugerem o problema de saúde bem como as olheiras profundas, que aumentam as características de uma pessoa debilitada. Essa charge, diferente das demais apresentadas no artigo, não apresenta um tom cômico de provocar o riso ou reflexão, apenas mostra, através da caricatura, o estado da saúde do futuro presidente. A doença, no entanto, acompanhava-o mesmo antes de sua campanha, em 1984:

Tancredo estava febril havia uma semana. Quando Garcia de Lima o examinou tinha uma temperatura de quarenta graus. Prescreveu-lhe uma injeção (aplicada por Risoleta) e combinaram que no dia seguinte ele faria alguns exames. O hemograma mostrou que sua taxa de leucócitos estava em 18 mil (o triplo do normal), com desvio para a esquerda, apontando para uma infecção bacteriana. Tinha sangue e pus na urina e a ausência de cólicas indicou tratar-se de infecção urinária. O médico receitou-lhe oitenta miligramas de gamicina a cada oito horas.²¹

Na véspera de sua posse foi internado com fortes dores estomacais e acabou falecendo em 21 de abril de 1985, vítima de infecção generalizada contraída no hospital. A versão oficial informa que as dores seriam de diverticulite, mas, posteriormente, os médicos admitiram a existência de um tumor, que fora escondido devido ao impacto que causaria na época.²² Seu vice, José Sarney, acaba tomando posse como presidente da república, não recebe a faixa presidencial das mãos do ex-presidente general Figueiredo, pois Tancredo era o favorito dos militares do colégio eleitoral, já Sarney mudava de partidos e, ao querer agradar situação e oposição, acabava por não agradar a quase ninguém.

A charge de Lan, Figura 12, é publicada no dia que seria realizada a posse do novo presidente. Podemos perceber o otimismo do artista e o desconhecimento geral da população sobre a doença do novo líder político. Tancredo é representado no carro presidencial Rolls Royce Silver Wraith²³, utilizado nas posses presidenciais desde 1953, mesmo que a cena

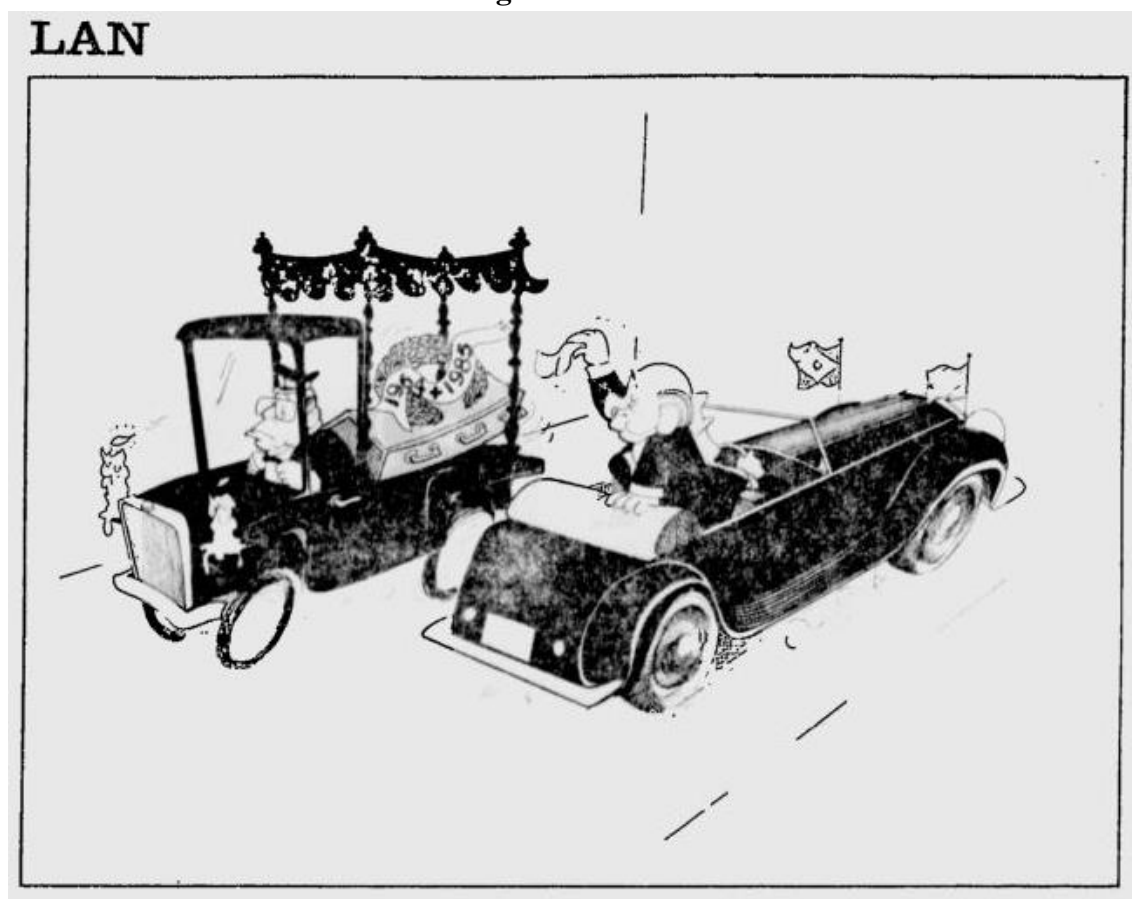
²¹ GASPARI, Elio. *A ditadura acabada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016. p. 282.

²² Publicado na Folha de S. Paulo, 21 de março de 1985. Acesso em Almanaque Folha: <http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_21mar1985.htm> Acesso em: 12 jan 2020.

²³ Doado por Assis Chateaubriand a Getúlio Vargas.

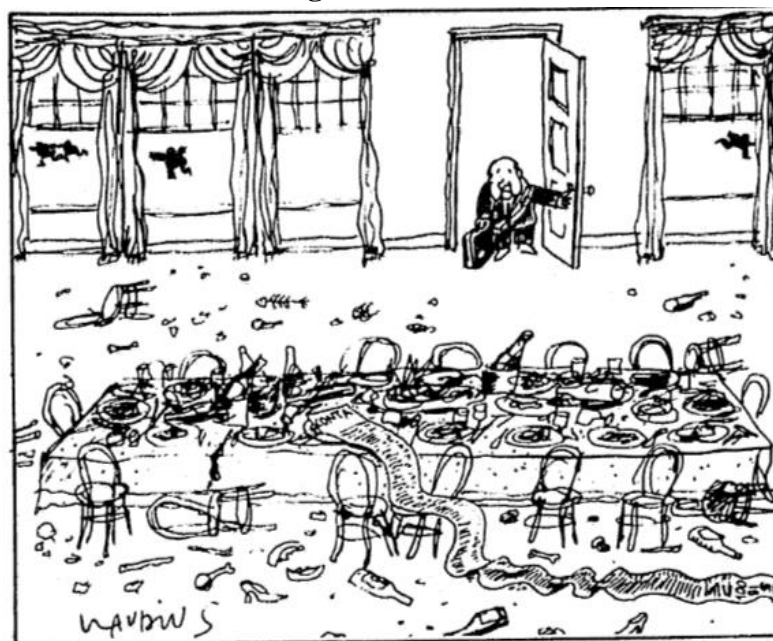
nunca ocorresse no futuro, a simbologia é forte. O novo presidente dá adeus ao carro que parte na direção contrária ao que seria o Palácio do Planalto, dirigido pelo então presidente João Figueiredo, com expressão de tristeza. O ex-presidente representa a ditadura civil-militar finalmente encerrada. Ele dirige um carro funerário sozinho, o caixão traz uma coroa de flores com as datas de 1964-1985, simbolizando o fim dos militares no governo do país.

Figura 12 - Adeus!



Fonte: Jornal do Brasil, São Paulo, n. 337, p.10, 15 de Mar. 1985. Acervo: Jornal do Brasil.

Figura 13 - A Conta



Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, n. 20.473, p.2, 15 de Mar. 1985. Acervo: *Folha de S. Paulo*.

A última charge que escolhi para o artigo traz o bom humor e a representação da democracia chegando finalmente ao poder. Publicada também no dia que seria a posse do então primeiro presidente civil após o golpe de 1964, mostra Tancredo chegando ao Palácio da Alvorada com sua mala, e se deparando com o resultado de uma grande festa, pratos quebrados, garrafas de *champagne* no chão, cadeiras quebradas e restos de comida são apresentadas na direção do leitor. Uma lista gigantesca representa a conta da festa, deixada para o próximo morador pagar. A nota do gasto feito pelos 21 anos de militares no poder, a iconografia é, ao mesmo tempo, cômica e profundamente reflexiva, já que a perda da democracia, direitos humanos, crises econômicas, censura, saúde pública, precarização da educação, e outros problemas dessa lista gigantesca, seriam pagas não pelos futuros presidentes, mas pela população brasileira até os dias de hoje.

Conclusão

A figura de Tancredo Neves, muitas vezes é desvinculada do governo militar, que no meu ponto de vista reforça a ideia de que uma eleição indireta, mesmo que um civil, faz parte de uma garantia de os militares de saírem da história por trás da cortina sem que os tomates destinados a eles chegassem. A comparação com os governos que se seguiram após 89, com a ditadura civil-militar, só mostra o quanto não resolvemos essa questão, nossos militares e

torturadores saíram do poder, não foram derrubados. Isso junto a um dos grandes problemas que foi acarretado pelo regime, faz com que cheguemos ao quadro político atual.

As charges da grande imprensa continuam seguindo seu papel de instigar o leitor com suas denúncias e de fazer rir da situação política e atitudes de nossos governantes, seja com militares no poder ou não, com censura ou não. Ao menos o humor gráfico consegue manter uma postura de contestação diante de tudo, o brasileiro consegue rir de si mesmo, não importando a calamidade da situação. Com bom humor, seguiremos esperançosos pelo futuro do país.

Referências bibliográficas

Acervo Jornal do Brasil

<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=1920614&b_mode=2&hl=pt-BR>

Acervo Revista Veja:

<<https://acervo.veja.abril.com.br>>

Acervo Folha de S. Paulo:

<<https://acervo.folha.com.br>>

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. **Veja Sob Censura: 1968-1976**. São Paulo: Ed. Jaboticaba, 2008.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil: (1964-1985)** 2.ed. Bauru: Edusc, 2005.

ARRUDA, Maria A do Nascimento. **Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultura do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CAMARGO, Isaac Antônio. **Imagem em Debate**. Londrina: EDUEL 2011.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

GASPARI, *Elio*. **A ditadura acabada**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda: Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LIEBEL, Vinícius. Charges. In: RODRIGUES, R. (org.). **Possibilidades de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 83-114.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanegi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.11-153.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **A utilização da charge na imprensa sindical na década de 80 e sua influência política e ideológica**. São Paulo: ECA/USP, 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

Recebido em: 25/09/2020

Aprovado em: 21/12/2020